

40 anos de histórias de portugueses no Luxemburgo

História de imigração portuguesa



Na edição de Junho e Julho de 1972, o CONTACTO dá grande destaque às cerimónias de Wiltz, no ano em que a igreja de Portugal ofereceu ao Luxemburgo uma imagem de Nossa Senhora de Fátima. Durante terço, missa e pregação, com grande afluência de imigrantes.

Há quarenta anos a comunidade portuguesa no Luxemburgo era assim:

Somos dezasseis mil portugueses! Existe apenas um padre. Temos uma única assistente social, paga pelo governo português. Para setecentas crianças existem apenas duas professoras primárias. Para mil e trezentas em idade pré-escolar não temos uma única creche.

Na sequência social sentimo-nos desprotegidos pela parte portuguesa. Continuamos com a nossa emigração desorganizada com todos os prejuízos que daí advêm. (CONTACTO, Fevereiro de 1972)

No Natal de 1971, Sáragga Leal era secretário da Emigração do Governo português, o equivalente ao secretário de Estado das Comunidades Portuguesas nos dias de hoje, e dirigiu-se, através dos microfones da Emissora Nacional, em Portugal, aos emigrantes portugueses espalhados pelo mundo inteiro.

Em resposta, o CONTACTO lembra ao secretário da Emigração as condições de vida dos portugueses no Luxemburgo e pede a solução dos problemas mais urgentes: ensino, religião e segurança social.

Problemas que passam também pelas condições de alojamento dos trabalhadores portugueses no Grão-Ducado. Há quarenta anos, como ainda hoje nos quartos alugados em cafés, os imigrantes viviam, muitas vezes, em condições insalubres.

Chover no molhado (Fevereiro de 1972)

Não importa. É preciso que se diga e repita até ao cansaço. Não vale a pena citar nomes nem das pessoas, nem das localidades, até porque há várias pessoas e localidades que podiam ser citadas. As duas imagens devem dizer qualquer coisa.

Mas eu conto.

Como acontece todas as semanas, tinha uma deslocação marcada para certa cidade do Luxemburgo. Quatro dias antes, alguém me escreve a pedir que vá mais cedo um pouco, porque alguém queria falar comigo com o vagar e mostrar "umas coisas".

Chovia nesse dia (...) Feitas as apresentações entrou-se logo no assunto. "Venha daí comigo, pois queria que visse algumas casas onde vivem portugueses".

Na primeira, viviam 26 (eram 28, mas dois já tinham saído naquela semana). Havia um grupo deles que comia. Comiam bem e a comida parecia apetitosa. Mas que cozinha! Cozinha e sala de jantar ao mesmo tempo. "Olhe para acolá..."

Em frente da janela, eram as toilettes, ao ar livre, sem um único resguardo.

"Vamos ver os quartos". Na verdade só mesmo vendo se acreditaria. Vendo e sentindo o cheiro nauseabundo que se desprendia das paredes, das coisas, das pessoas. "Não há camas, neste quarto? Perguntei?". Não, dorme-se no chão. "Quantos dormem aqui?" Sete. Eram três colchões encostados uns aos outros.

E lençóis? "Aqui não há lençóis". E os cobertores, quantas vezes foram lavados? Vezes? "Desde que aqui estamos (8 meses) nunca foram lavados. Onde se haviam de lavar? E como secariam num dia, para nos deitarmos à noite neles?" Não há aquecimento.

"Quantos dormem nestoutro quarto?" Oito. "Mas só tem quatro camas de uma pessoa...".

E os armários? "Olhe-os aí..." (Pregos nas paredes e um estendal de calças, casacos, camisas, toalhas, etc.)

Quanto pagam ao patrão pelo alojamento? "Quinhentos francos". E vocês aguentam isto? "Que remédio!..." "A gente vai agora de férias e a ver se quando voltarmos em Março, isto muda um pouco".

Depois fui ver mais duas. Quase a mesma coisa, mas com esperanças de melhoria.

De quem é a culpa desta situação desumana?

Porque é que as autoridades não querem tomar conhecimento destas coisas?

Os patrões não recebem subsídio de alojamento para os operários? Quem fiscaliza o seu emprego? Porque é que se diz aos patrões 'desenrasquem-se?' E porque é que se responde a quem se interessa pelos imigrantes (ainda há quem se interessa) e pela sua situação: "não tendo alojamento condigno, mandam-se para a fronteira. A ser assim como é que os patrões se podiam "desenrascar".

O texto é assinado por um Observador.

Apesar de muitas vezes as condições de vida não serem as mais dignificantes, a verdade é que, no início dos anos setenta, os portugueses não paravam de chegar ao Luxemburgo.

Autorização de entrada no Luxemburgo (Fevereiro de 1972)

Como sabemos que há imensos portugueses que têm dificuldades na obtenção da autorização de entrada para as Famílias, vamos hoje explicar resumidamente como se deve proceder:

Para a obtenção da autorização de entrada no Grão-Ducado do Luxemburgo das Esposas, dos Filhos dos chefes de família trabalhando aqui, é necessário:

a) O Chefe de família deverá procurar primeiro que tudo um alojamento, com o número de peças suficientes; pedir depois ao proprietário da casa um certificado como alugou o apartamento

b) Pedir ao seu patrão um certificado como possui um trabalho e que o exerce regularmente

c) Que estes dois certificados sejam apresentados à polícia do

bairro para que ela os possa reconhecer como verdadeiros

d) Com o certificado que a polícia entrega na sua posse, envia-o à esposa a Portugal.

Esta por sua vez fará um requerimento ao Consulado Luxemburguês em Lisboa - na Praça de Londres, nº 3, Lisboa -, pedindo a respectiva autorização de entrada,

sem esquecer de enviar junto o certificado da polícia do Luxemburgo; assim como todos os nomes completos, datas e lugares de nascimento.

e) O Consulado enviará o requerimento ao Consulado de Affaires Etrangères, que, uma vez o alojamento e o trabalho já estão [sic] reconhecidos como válidos, enviará



vista e contada pelo CONTACTO



Uma semana, "todos os dias à noite, houve dentro de dias a autorização de entrada."

galizado, processo sem dúvida mais válido e muito mais barato.

Tudo isto numa altura em que o Luxemburgo e Portugal já tinham assinado vários acordos bilaterais sobre a emigração dos portugueses para o Grão-Ducado. Como o de Maio de 1970:

Foi assinado em Lisboa um acordo Luso-Luxemburguês sobre a emigração dos Portugueses para o Grão-Ducado que entrará em vigor em breve. Este acordo prevê a regularização da emigração portuguesa para o Luxemburgo; a partir daquela data, os emigrantes portugueses no Grão-Ducado passarão a ser apenas "legais" (Junho de 1970).

Dois anos, depois o jornal informava que o Governo luxemburguês decidira apertar o cerco à imigração clandestina e iria deixar de ser tolerante para com os ilegais no país.

A história vem contada no CONTACTO de Maio de 1972. O jornal lembra mais uma vez os requisitos necessários para se poder residir no Luxemburgo e informa que a partir do dia 1 de Março de 1972 os imigrantes portugueses que não possuam um passaporte válido e visado serão recusados na fronteira. Mais: Aqueles que tenham entrado irregularmente em Luxemburgo antes de Março de 1972, sem preencher as condições apontadas, não poderão pedir a carta de identidade no estrangeiro, autorizando a residência no país e são actualmente postos na fronteira.

ONDAS HERTZIANAS EM PORTUGUÊS

É por esta altura que o CONTACTO anuncia a primeira emissão de rádio em língua portuguesa. Numa altura em que a "colónia" portuguesa atinge as 16 mil pessoas, todos os

dade. E este patrão, que, actualmente, melhor alojados tem os trabalhadores. Ao menos



"Chover no molhado": um "observador" atento do CONTACTO descrevia nas páginas do jornal as más condições de alojamento dos portugueses no início da década de 70. "Vamos ver os quartos". Na verdade só mesmo vendo se acreditaria. Vendo e sentindo o cheiro nauseabundo que se desprendia das paredes, das coisas, das pessoas".

bebidas...
bom...
Por isso...
gar...
Quanto...
ças, e tod...
ber? Que...
há nas in...
Pouco lin...
gura, ma...
dições pe...
pos. Não...
do. Que...
nenhuma...
que sa...
Barulho...
resultado...
nai ver...
vindo. Bar...
edre...
Existem...
cozidos...
burgueses...
do cost...



domingos, entre as 8h15 e as 8h30, a Rádio Luxemburgo emite um quarto de hora de música portuguesa e de informações úteis para a comunidade portuguesa, numa emissão animada pela única assistente social portuguesa no país. O programa chamava-se "Despertar" e o feito só foi possível graças a Marcel Barnich, do Serviço Social para a Mão de Obra Estrangeira no Luxemburgo. A emissão de rádio em português surge numa altura em que o Luxemburgo adopta as 40 horas semanais de trabalho, e muitos imigrantes portugueses ficam sem saber como ocupar o tempo livre. Uma reportagem feita pelo CONTACTO em Março de 1972 por Maria Baptista Viegas chega à conclusão que é urgente trabalharmos no sentido de aumentarmos os serviços recreativos, desportivos e culturais, ensinar um pouco a preencher esse valioso tempo livre que entre a nossa colónia ainda é sinónimo de tédio horrível. Tudo porque a repórter esteve na Gare a entrevistar um grupo de portugueses e todos afirmaram que se sentiam um pouco perdidos, sem nada para fazer ao sábado: - Agora com a semana das 40 horas, os senhores ficaram com o sábado livre... - Sim senhora, antigamente era melhor, sempre se aproveitava mais umas horas... - E o que faz aos fins de semana? - Eu cá durmo! - Os dois dias? (gargalhadas latinas) - Não, lavo a roupa e faço a cozinha. - E o resto do grupo? - É a mesma coisa, aos Domingos vamos à missa, escreve-se à família. - Outro grupo, as mesmas perguntas, as mesmas respostas. Depois fomos até ao Grund.

Casas cheias de gente, domésticos improvisados. As mesmas perguntas. As mesmas respostas. - Durmo, lavo a roupa... a cozinha... bebemos um copo. - Outro grupo... outro e outro... e assim indefinidamente percorrendo todo o Grão-Ducado, as respostas serão de 90% as mesmas.

VIRGEM DE FÁTIMA CHEGA AO LUXEMBURGO

Consultando os primeiros jornais CONTACTO, um dos temas dominantes nas páginas do então periódico mensal era a vinda da imagem de Nossa Senhora de Fátima ao Luxemburgo.

Depois de muitos esforços, a Igreja do Luxemburgo recebe uma réplica da imagem da Cova d'Iria, oferta da comunidade portuguesa. A chegada da Virgem foi notícia em toda a imprensa luxemburguesa - afirma o CONTACTO - e envolveu muitos dos portugueses que em 1972 viviam no Grão-Ducado.

Chegada da Imagem de Nossa Senhora de Fátima ao Luxemburgo - (CONTACTO, Junho e Julho de 1972)

No dia 21 de Maio chegou ao Luxemburgo a imagem de Nossa Senhora de Fátima trazida pelo Sr. Padre Aurélio Granada. No aeroporto estavam presentes uma representação de portugueses e de luxemburgueses e ainda a imprensa. Em cortejo, a imagem seguiu para a igreja dos Portugueses, onde chegou às 18h. A assembleia cristã no final da missa recebeu com apoteoticamente a imagem com cânticos, lágrimas e súplicas. Após uma saudação do Sr. P.e Aurélio à Colónia Portuguesa, as crianças da Comunhão fizeram a sua Conservação à Virgem e com ramos de flores prestaram-lhe a primeira homenagem, à semelhança dos pastorinhos.

pregação, com grande afluência de imigrantes. No dia 26 de Maio realizou-se no centro da cidade a Procissão das Velas, muito concorrida e apreciada pelo povo luxemburguês. Cerca de mil imigrantes estiveram presentes. No dia seguinte, a imagem foi recebida em Wiltz. O tempo era de chuva e de vento, o que não impedia a vinda dos peregrinos de todos os cantos do país. De Portugal veio de propósito o então Cardeal Patriarca de Lisboa, D. António Ribeiro.

A pequena cidade do norte do Luxemburgo encheu-se por completo, como nos conta o CONTACTO. Cerca de 40 autocarros, vindos de todo o país, dirigiram-se a Wiltz; de Colónia - Alemanha, veio um autocarro com cerca de 50 portugueses; centenas de luxemburgueses estavam presentes; centenas de viaturas particulares encheram os parques.

No final da celebração os imigrantes portugueses no Luxemburgo fazem a entrega oficial da imagem da Virgem de Fátima ao povo luxemburguês. Chegou a hora, irmãos, de fazermos a entrega oficial da Imagem de Nossa Senhora de Fátima ao povo do Luxemburgo. Entregamo-la a quem tão dignamente a representa aqui: o Senhor Bispo do Luxemburgo, que é também o nosso Bispo (...). É com emoção que fazemos esta oferta. E fazemo-lo como reconhecimento da hospitalidade que aqui nos é dado e do apoio recebido.

Texto e Fotos: Domingos Martins

(O texto em itálico reproduz as notícias publicadas no CONTACTO. Optámos por transcrever o texto tal como foi publicado na altura, mantendo naturalmente a grafia utilizada. DM)